

Os melhores cursos para conseguir emprego

Um em cada três cursos superiores, num total de mais de 1 400, arrisca-se a ter o número de vagas congeladas já no próximo ano letivo por apresentar taxas de empregabilidade abaixo da média

POR FRANCISCO GALOPE*

Há muito que o mal está diagnosticado e o tratamento previsto: o modelo de ensino superior seguido por Portugal nas últimas décadas precisa de ser alterado. Há anos que se fala na necessidade de rever a oferta. Quando se encerra mais um ano letivo e se prepara o seguinte, o tema volta novamente à ribalta por causa da divulgação de dois estudos sobre o assunto – um da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3Es) e outro (mais uma base de dados do que propriamente um estudo) da Direção-Geral do Ensino Superior.

O primeiro mostra que 80% das áreas de estudo em Portugal têm um excesso de vagas e que para as 53 500 disponibilizadas, em 2011, para licenciaturas e mestrados integrados, apenas se registaram 46 642

candidaturas. Quer isto dizer que 6 858 ficaram por preencher.

Se o primeiro nos atesta a existência de irracionalidade e algum descontrolo na criação de cursos, o segundo apresenta-nos dados de uma realidade dolorosa para mais de 108 mil diplomados portugueses (dados do INE, 4.º trimestre de 2011): o desemprego. Ou seja, o País não tem trabalho para um em cada 10 dos mais qualificados elementos da sua mão de obra ativa (*ver infografia págs 54 e 55*).

Tendo a empregabilidade dos cursos superiores como o cerne deste seu trabalho, a DGES cruzou as estatísticas do INE e o número de diplomados desempregados inscritos no Instituto de Emprego e Formação Profissional (cerca de 60 mil, ou seja, bastante abaixo das estimativas do INE) com os 571 mil bacharéis, licenciados, mestres e doutorados, produzidos

pelo ensino superior nacional nos últimos dez anos.

Essa estatística permite dizer (talvez com algum exagero, ainda assim, legítimo) que, em Portugal, existem cursos que são uma espécie de Via Verde para o desemprego, até porque submetidos os dados, mais uma vez, à folha de cálculo, constatamos que o desemprego entre diplomados cresceu mais de 50%, em cinco anos, quando o crescimento do desemprego geral foi de 33 por cento (*ver infografia págs 54 e 55*).

E as perspetivas não serão propriamente risonhas. «O mercado está saturado e o desemprego deverá continuar a subir», diz Fernando Neves de Almeida, presidente da Boyden Portugal, uma empresa especializada no recrutamento de quadros. O gestor acredita que, no mercado de trabalho, apenas se inverterá esta tendência no final do verão do pró- ▶



ESTUDANTES Apesar da o aumento do desemprego e da incerteza, ainda vale a pena investir num curso superior. É-se desempregado menos tempo e ganha-se mais

Retrato-robô Drama no feminino

Para começar, é preciso dizer que o problema do «desempregado diplomado tipo» é um problema feminino. É que dois terços das pessoas desempregadas com habilitações superiores são mulheres: representam 69,6% de quem anda à procura do primeiro emprego e 66,8% de quem busca um novo posto de trabalho.

Essa mulher é relativamente jovem, com idade entre 25 a 34 anos (47,8%), e reside no Norte (39,3%).

As estatísticas atestam que um grau de ensino superior ainda tem algumas vantagens, mesmo no desemprego: as probabilidades de um licenciado ou licenciada ficar sem trabalho é inferior à média: a taxa de desemprego entre diplomados era de 10%, no final de 2011, e de 14% do conjunto da população ativa (dados do INE). Além disso, o tempo em que se permanece no desemprego é bastante inferior. Segundo o IEFP, o desemprego de longa duração afeta 9,6% dos diplomados sem trabalho e 19,9% do conjunto de desempregados registados.

Outro dado importante: as mulheres licenciadas estão no topo da lista de ganhos salariais acumulados, em relação às que têm apenas formação secundária. Segundo a OCDE, uma portuguesa com formação universitária pode esperar uma vantagem salarial acumulada, ao longo da sua vida profissional, de aproximadamente 152 mil euros sobre outra que completou apenas o ensino secundário.

► ximo ano. Até lá, a taxa de desemprego deverá manter-se em crescimento.

EMPREGABILIDADE

A empregabilidade é uma palavra-chave, à volta da qual gravitam as medidas que vão ser tomadas ou já estão em curso. Nesta página damos-lhe uma tabela com os 30 mais cotados cursos superiores em termos de colocações no mercado de trabalho.

Os dados da DGES revelam que, entre 2001 e 2010, houve em Portugal 4 154 cursos superiores a produzir diplomados. Desses, 1 421 – 1 em cada três – apresenta taxas de desemprego superiores à média de 10% estimada pelo INE para titulares de cursos superiores.

Top 30 Os cursos desta lista têm menos de 0,4% dos seus ex-alunos no desemprego.

A saúde domina o ranking

% DE DIPLOMADOS ENTRE 2001 E 2010 REGISTADOS EM DEZEMBRO NO IEFP (CONTINENTE)

Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Curso	Diplomados entre 2001 e 2010	Desempregados
			• Univ. Coimbra - Faculdade de Medicina	Medicina	1 320 1 0,076%
			• Univ. Porto - Faculdade de Medicina	Medicina	1 056 1 0,095%
			• Univ. Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Médicas	Medicina	956 1 0,105%
			• Univ. Técnica de Lisboa - Instituto Superior Técnico	Eng. Eletrotéc. e de Computadores	840 1 0,119%
			• Univ. Lisboa - Faculdade de Medicina	Medicina	1 351 2 0,148%
			• E.S. Enfermagem do Dr. Ângelo da Fonseca	Enfermagem	648 1 0,154%
			• Univ. Católica - Fac. Ciências Económicas e Empresariais	Administração e Gestão de Empresas	534 1 0,187%
			• Univ. Lisboa - Fac. Psicologia e de C. da Educação	Ciências da Educação	506 1 0,198%
			• Inst. Superior de Gestão Bancária	Gestão Bancária	437 1 0,229%
			• E.S.E. de Paula Frassinetti	Educação Social	395 1 0,253%
			• Inst. Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Comunicação Social	Publicidade e Marketing	391 1 0,256%
			• Inst. Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Saúde	Enfermagem	365 1 0,274%
			• Inst. Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Ciências Empresariais	Marketing	340 1 0,294%
			• Inst. Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz	Medicina Dentária	666 2 0,300%
			• Politécnico de Tomar - Escola Superior de Gestão	Gestão de Empresas	325 1 0,308%
			• Univ. Lisboa - Faculdade de Medicina	Estudos Básicos de Medicina	322 1 0,311%
			• Escola Superior de Educação Jean Piaget de Arcozelo	Animação Sócio-cultural	632 2 0,316%
			• Univ. Porto - Faculdade de Engenharia	Eng. Infor. e Computação	314 1 0,318%
			• Inst. Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz	Medicina Dentária	311 1 0,322%
			• Inst. Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Tecnologia da Saúde	Cardiopneumologia	307 1 0,326%
			• Univ. Porto - Faculdade de Desporto	Ciência do Desporto	611 2 0,327%
			• Inst. Superior de Educação e Ciências	Educadores de Infância	600 2 0,333%
			• E.S. de Enfermagem da Imaculada Conceição	Enfermagem	300 1 0,333%
			• Univ. Madeira	Gestão	295 1 0,339%
			• Politécnico do Porto - Inst. Sup. de Contabilidade e Administração	Contabilidade e Administração	285 1 0,351%
			• Politécnico de Viana do Castelo - Esc. Sup. de Tecnologia e Gestão	Turismo	282 1 0,355%
			• Inst. Superior de Ciências da Saúde - Norte	Medicina Dentária	274 1 0,365%
			• Escola Superior de Saúde Egas Moniz	Análises Clínicas e de Saúde Pública	271 1 0,369%
			• Univ. Açores - Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo	Enfermagem	268 1 0,373%
			• Univ. Açores - Ponta Delgada	Ensino Básico - 1.º Ciclo	259 1 0,386%

FONTES IEFP, DGES, cálculos Visão

INFOGRAFIA VISÃO

São esses casos que estão agora na mira do Governo, que, através de um despacho do secretário de Estado do Ensino Superior, João Queiró, quer proibir, já no próximo ano letivo, que os estabelecimentos de ensino superior públicos aumentem o número de vagas em cursos que não provem a sua empregabilidade. Ou seja, a norma

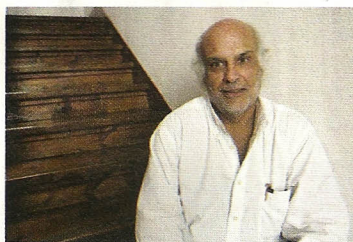
poderá, pelo menos teoricamente, aplicar-se a um terço dos cursos superiores. Nesse caso, as escolas terão de redistribuir o número de vagas disponíveis para as aumentar nos cursos com maior empregabilidade. A saber: «Ciências, Matemática, Informática e Engenharia.»

O diploma, datado de 11 de junho, impõe às universidades e politécnicos uma diminuição de 20% do número de vagas nas licenciaturas de professor do ensino básico e educação de infância. Nos mestrados de habilitação profissional para docência também vai haver uma redução, que ainda está por definir. Áreas onde o Governo considera haver «excesso de oferta».

Com efeito, olhando os números do IEFP, verifica-se que a categoria profissional mais flagelada pelo desemprego qualificado é a dos professores – um em seis diplomados inscrito como desempregados é professor (ver infografia págs 54 e 55).

DOIS CRITÉRIOS

O que deve, então, um jovem fazer, quando se trata de escolher um curso? Seguir a motivação ou o critério da empregabilidade? ►



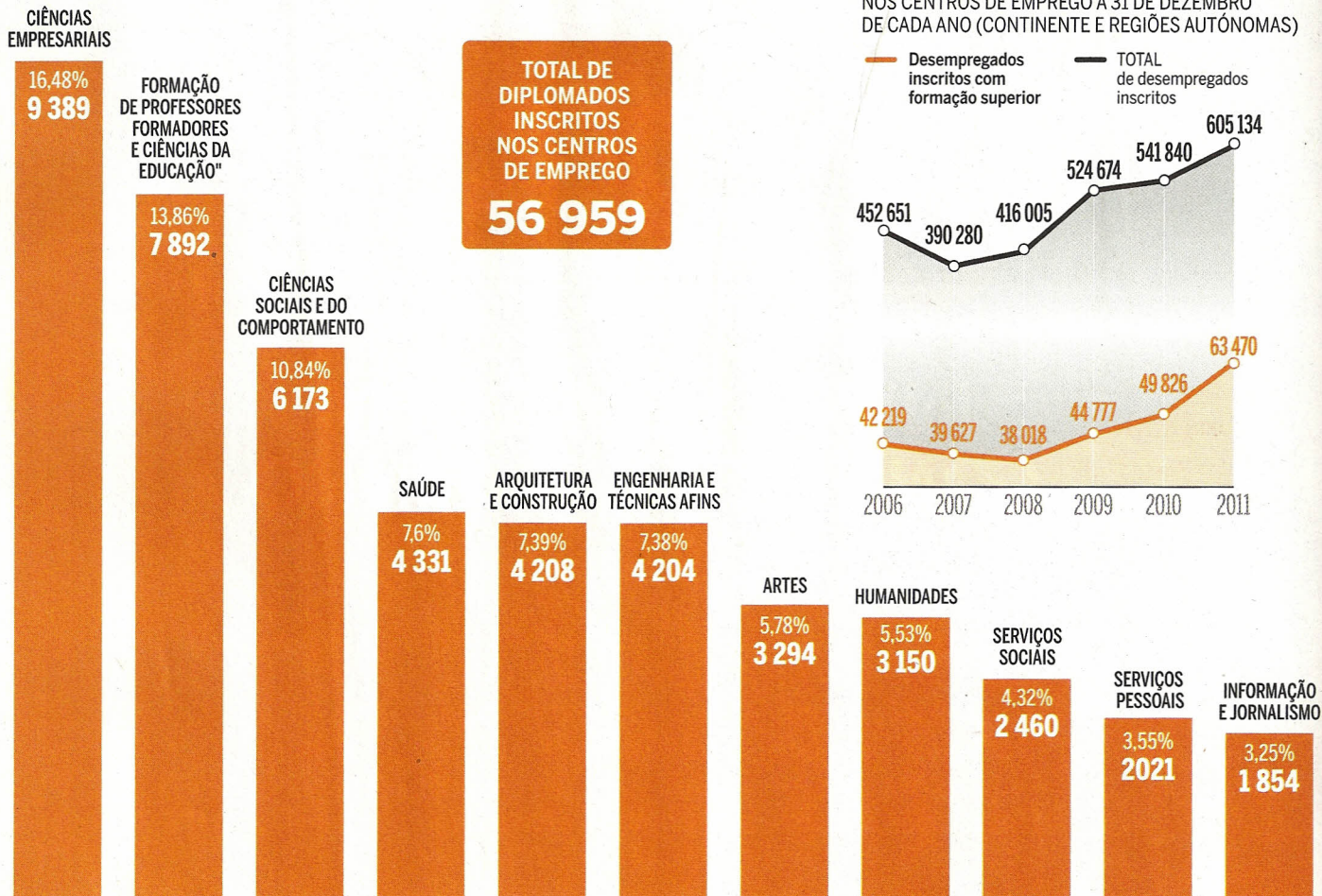
Existem mais cursos de Psicologia no Porto do que na Áustria; e em Lisboa do que na Bélgica'

José Morgado, psicólogo

Anatomia do desemprego diplomado

O desemprego já atinge 108 mil titulares de cursos superiores. Mas só cerca de 60 mil estão inscritos nos centros de emprego. Os números permitem, apesar das discrepâncias, traçar o retrato do flagelo que se abateu sobre a geração mais qualificada do País

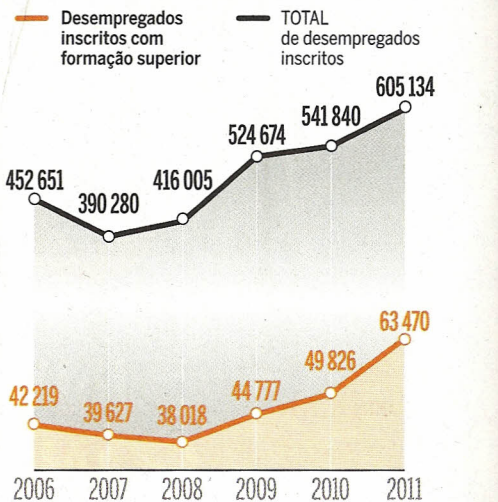
DESEMPREGADOS DIPLOMADOS POR ÁREAS DE ESTUDO



EMPREGOS POR UM CANUDO

O desemprego entre diplomados aumentou a um ritmo mais acelerado do que o desemprego em geral, 50,3% em cinco anos

NÚMERO DE DESEMPREGADOS REGISTRADOS NOS CENTROS DE EMPREGO A 31 DE DEZEMBRO DE CADA ANO (CONTINENTE E REGIÕES AUTÓNOMAS)



► «Mesmo em medicina, a empregabilidade já não é absolutamente segura. Com o bastonário dos médicos a queixar-se de que muitos recém-formados não encontram colocação no Serviço Nacional de Saúde», comenta José Morgado, especialista em psicologia educacional.

«Há dois critérios que o jovem tem de ter em conta, nesta fase de decisão»: a análise que faz do mercado de trabalho, ou seja da empregabilidade, e a motivação, a realização de um sonho, afirma. «O jovem tem o direito de escrever o seu caminho de acordo com a motivação», considera. A empregabilidade é importante, mas, frisa o professor do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), «não deve ser 'o' critério».

Quadros Crise chega ao topo

A atividade de recrutamento de quadros, em Portugal, registou uma queda de 40%, nos últimos quatro anos, revelou à VISÃO Fernando Neves de Almeida, presidente da Boyden Portugal. «Se as empresas ajustassem os seus recursos humanos à atividade económica, 25% dos quadros de topo perderiam o posto de trabalho», destaca. E porque não o fazem? «A grande maioria prefere mantê-los, porque poderá necessitar deles dentro de dois ou três anos, quando a atividade económica recuperar. Dispensá-los agora para voltar a preencher as vagas quando a economia melhorar, poderá sair mais caro do que conservá-los durante um ou dois anos.»

O gestor admite que os salários que anteriormente se pagavam aos quadros de topo «difícilmente voltarão». Efetivamente, a crise teve como consequência uma descida das remunerações nos lugares de topo. «Muitos gestores ficaram sem o rendimento variável, que, nalguns casos, é superior ao fixo», salienta, e sugere que as empresas estão atualmente perante uma oportunidade de aproveitarem esta poupança com os salários de topo para repor parte do poder de compra que os trabalhadores com os vencimentos mais baixos perderam com a austeridade. **PAULO M. SANTOS**